

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA IARTE – INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO

Bianca Vitória Fidenis Da Silva

**Cacau Protásio e Paulo Vieira: a representatividade negra na comicidade
audiovisual brasileira**

Trabalho de Conclusão de Curso

Graduação

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA IARTE – INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO

Bianca Vitória Fidenis Da Silva

**Cacau Protásio e Paulo Vieira: a representatividade negra na comicidade
audiovisual brasileira**

Monografia apresentada como
trabalho de conclusão de curso, da
graduação em bacharelado em
teatro, da Universidade Federal de
Uberlândia.

Área de conhecimento: Artes Cênicas

Orientadora: Profa. Dra. Daniele Pimenta

Uberlândia

2025

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Universidade Federal de Uberlândia (UFU) por me proporcionar a realização do curso de teatro e de conhecer pessoas incríveis que passaram ou estão ainda na minha trajetória.

Em seguida quero agradecer à minha orientadora Daniele Pimenta por me acompanhar em todo o meu percurso do TCC, desde as minhas angústias e apreensões com esse trabalho até os momentos em que consegui me encontrar na pesquisa.

Também quero agradecer à banca examinadora, Dr. Luiz Humberto Martins Arantes e Rubia Bernardes Nascimento por aceitarem avaliar o meu trabalho de conclusão de curso.

Por fim, mas não menos importante gostaria de agradecer imensamente à minha família, pelo apoio em toda a minha vida, e aos meus amigos que me ajudaram a persistir e caminhar de uma maneira leve na minha trajetória do curso, com um carinho especial aos meus amigos de infância, Gustavo, Isabelle e Pedro, às minhas amigas do trabalho, Débora, Isabelle, Maria, Letícia, Mariana, Guilherme, Lucas e Isabella, e um carinho mais especial ainda a todos da Trupe Quase todos os Desejos (Piolin).

RESUMO

O presente trabalho teórico discute a representatividade negra dentro da comédia brasileira, por meio da análise de duas obras audiovisuais contemporâneas, *Emergente como a gente* e *Vai que cola*, de Paulo Vieira e Cacau Protásio, respectivamente. A pesquisa busca compreender como ambos os artistas utilizam o humor como ferramenta de denúncia e crítica às patologias sociais, evidenciando desigualdades, preconceitos e estereótipos ainda presentes na sociedade brasileira. Além da análise dos episódios selecionados, o trabalho reflete como a presença de corpos e vozes negras influenciam e impactam no humor e no conteúdo dentro da comédia.

Palavras-chave: Representatividade Negra; Paulo Vieira; Cacau Protásio; Comédia Brasileira; Audiovisual.

ABSTRACT

This theoretical work discusses Black representation within Brazilian comedy through the analysis of two contemporary audiovisual works, *Emergente como a gente* and *Vai que cola*, by Paulo Vieira and Cacau Protásio, respectively. The research seeks to understand how both artists use humor as a tool for denunciation and critique of social pathologies, highlighting inequalities, prejudices, and stereotypes still present in Brazilian society. In addition to the analysis of the selected episodes, the study reflects on how the presence of Black bodies and voices influences and impacts humor and content within comedy.

Keywords: Black Representation; Paulo Vieira; Cacau Protásio; Brazilian Comedy; Audiovisual.

Sumário

1.0 INTRODUÇÃO	8
2.0 Paulo Vieira.....	12
2.1 Episódio trouxa.....	13
2.2 Episódio Chuva.....	14
Episódio Escola	17
3.0 Cacau Protásio	20
3.1 Se Gritar pega ladrão, primeiro episódio.....	20
3.2 Terezinha Orleans e Bragança- Episódio 16, temporada 3.....	22
3.3 A morte de Terezinha- Episódio 4, Temporada 5:.....	23
3.4 Episódio 10, temporada 6 – Terezinha só tem uma.....	24
4.0 Vai que Cola x Emergente como a gente.....	26
5.0 Conclusão.....	32
6.0 Referências.....	34

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- As duas amigas da mãe na festa, personagem do Paulo Vieira.....	13
Figura 2- mulher rica mencionada no texto.....	15
Figura 3- homem pobre e sua residencia lidando com a chuva.....	15
Figura 4	18
Figura 5- Terezinha	21
Figura 6- Terezinha vestida como membro da realeza.....	22
Figura 7- Trinca Ferro	24
Figura 8- Terezinha ao lado de sua prima	25

1.0 INTRODUÇÃO

De acordo com o dicionário, Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, representatividade significa: “A característica de uma pessoa, de um partido ou de outras organizações sociais, que pela proximidade com a população, pode falar ou representar com propriedade as necessidades do grupo do qual faz parte”.

Por que trazer essa definição? Trago ela para compararmos ao longo da história através do âmbito social e cultural (teatro), em que a população negra, a qual categorizo como mencionado no dicionário, como impedida em suma maioria de “falar ou representar com propriedade as necessidades do grupo, do qual faz parte”.

Como consequência da história brasileira, construída por meio de violência e massacre para com os povos de descendência africana, a população europeia fez um trabalho árduo através dessas ferramentas de brutalidade de conquistar poder e fazer com o negro não se visse como sujeito, fazedor de cultura em que Paulo Freire irá dizer. (botar citação).

Com isso o negro se tornou durante muito tempo desprezado e negligenciado, devido à invasão e apropriação de seus corpos e suas identidades.

Além disso, durante a colonização europeia, obtém uma separação social e consequentemente o surgimento de uma classe dominante com interesses e desejos e gostos e com muito poder dentro do Estado.

Cabe aqui uma reflexão importante, pois em função dessa devastação feita pelos colonizadores com as etnias marcadas como inferiores, os símbolos dessa cultura eurocêntrica passam a predominar, outros povos, fazendo com que símbolos da cultura negra, por exemplo passam a ser construído sob a destruição.

Na época da colonização, em que essa violência foi mais latente, os negros nunca pararam de resistir, ou seja durante o período escravagista a memória e a identidade cultural ainda eram preservadas, apesar de haver as influências dos espaços e valores impostos pela cultura europeia e com isso começaram a existir os autos religiosos - desde a catequização indígena - e mais tarde companhias teatrais apenas de maioria de atores negros e mestiços, para entretenimento dos senhores brancos, porém nessa época o teatro era marginalizado e visto como algo ruim.

Quando o teatro foi começando a ganhar notoriedade e passou a ser visto como algo da elite, iniciou-se um movimento contrário, ou seja, a comunidade negra é retirada desse lugar e é colocada como chacota, na qual toda sua identidade é posta como caricatura.

E a comédia, como fica diante dessa situação? Durante o século XIX quando o teatro começou a ser valorizado e apreciado pela classe dominante, na mesma época surgiu a comédia de costumes, em que os negros, por consequência saem de cena e se tornam personagens de sátira, pois é um gênero que trata do cotidiano e de um contexto de uma determinada sociedade, e os negros nessa época estavam em posição servil e abaixo naquela sociedade.

José de Alencar, tal como Martins Pena no Brasil, é um autor que nos torna como um exemplo claro, no qual se reforça o lugar da escravização como uma condição única imposta à comunidade negra, retornando a imagem novamente de inferiorização, embora sua posição quanto à escravatura esteja sendo revista atualmente. Com isso, na dramaturgia a maioria dos personagens de ascendência africana naquele período, e até boa parte do século XX, não possuem uma densidade dramática, muito menos identificação e são limitados aos seus estereótipos, limitando sua forma de representação.

De 1850 à abolição em 1888 a imagem vinculada sobre o negro no teatro brasileiro se resumia à figura do escravo, mesmo quando a proporção dos negros alforriados tornava-se cada vez mais significativa, como ocorria naquele período.

O resultado era a criação de personagens secundários e sem valor dramático como nas peças do referido fundador da comédia de costumes no Brasil, Martins Pena. (Nascimento, 2008).

No entanto, mais tarde, em que teve como norma a exclusão do negro autêntico em favor do negro caricatural. Abdias retorna ao Brasil, com intuito de retomar o protagonismo negro na dramaturgia, no qual quer retornar a figura negra como sujeito, criador e fazedor de cultura, dono de suas próprias histórias.

Assim em 1944 surgia o TEM, o Teatro Experimental do Negro, no Rio de Janeiro, propondo resgatar os valores da cultura negra africana, em que o tempo da colonização fora desvalorizado e destruído pela cultura europeia, com isso o TEN tinha como proposta a valorização da identidade negra no Brasil através da educação, da cultura, da arte (Nascimento, 2008)

Neste ato revolucionário, no qual vivia-se em uma sociedade de status quo, em uma sociedade configurada por uma colonização portuguesa com ideias estabelecidas de uma cultura deslocada da brasileira, mas que ainda assim essa dominação portuguesa foi

feita. Então digo revolucionário, pois como o teatro se dá a partir da construção social instaurada, essa dominação impactou diretamente na arte e principalmente na sua estética, com isso o TEN surgiu para quebrar essa estrutura estética colonial, no qual Abdias de Nascimento abriu para o protagonismo negro. Em que ele ascendesse da condição adjetiva e folclórica para o sujeito e herói das histórias que ele representasse.

A cultura afro-brasileira precisava ser valorizada pela sua essência, origem e personalidade, e que os seus valores e símbolos destruídos por um Brasil colônia que necessitava ser resgatados, o que o TEN propunha, pelo viés da educação, da cultura e arte (Nascimento, 2008). A partir disso o grupo chamou diversos nomes renomados para realizar esse debate para realizar posteriormente a preparação para os chamados primeiros artistas do TEN (Nascimento, 2008).

Posto isso em 8 de maio de 1945 foi apresentado o primeiro espetáculo do TEN, com Aguinaldo Camargo, amigo de Abdias de Nascimento, o qual era ativista pelos direitos da população negra, e conseqüentemente se envolveu nas ações políticas, lutando por direitos políticos e conscientização racial pela e para população negra. Visto isso foi no teatro municipal do Rio de Janeiro que se fez história para a população, “onde antes nunca pisara um negro como intérprete ou como público” (Abdias de Nascimento, 2008), com isso na época a crítica surpreendentemente diz:

Nossa surpresa foi tanto maior quanto as dúvidas que alimentávamos relativamente à escolha do repertório que começara, precisamente por incluir um autor da força e da expressão de um O’Neil. Augurávamos para o Teatro Experimental do Negro um redondo fracasso. E, no mínimo, formulávamos censuras à audácia com que esse grupo de intérpretes, quase todos os desconhecidos, ousava enfrentar um público que já começava a ver no teatro mais do que um divertimento uma forma mais direta de penetração no centro da vida e da natureza humana. Aguinaldo Camargo o *Imperador Jones* foi, no entanto, uma revelação. (Nascimento, 2004, p. 213)

Todavia o espetáculo não pode ser prosseguido, pois com a posse de Getúlio Vargas e conseqüentemente o advento da ditadura militar, porém tal atitude fora um grande efeito para a história da comunidade negra no âmbito teatral e inclusive para a comédia. Encerrada estava a fase do negro sinônimo de palhaçada na cena brasileira. Um ator fabuloso como Grande Otelo poderia de agora em diante continuar extravasando na comicidade. (Nascimento, 2008).

Através desse ponto de partida feito pelo TEN o negro começou a ser visto como agente social e sujeito “fazedor de cultura”, no qual os negros pudessem ser reconhecidos não só dentro do âmbito teatral, mas também democrático, pois como a elite detém todo

o poder e especificamente a elite brasileira possui uma visão distorcida do folclore afrobrasileiro, Abdias de Nascimento foi importante não só pelo resgate dos verdadeiros elementos de origem africana, mas também para o impacto cultural.

Considerando o que foi apresentado, este trabalho tem como objetivo a partir de uma curadoria de dezenas de episódios assistidos de obras audiovisuais contemporâneas dos comediantes Paulo Vieira e Cacau Protásio, em que após essa curadoria foram escolhidos apenas alguns episódios para analisar, criticar e refletir sobre a representatividade negra dentro da comédia brasileira com elementos da cultura periférica, isso posto como o ator e suas obras colocam esses grupos minoritários como uma forma de valorização e não só como forma de caricatura.

Gostaria de mencionar uma observação. Quero colocar para o leitor que Grande Otelo, Sebastião Bernardes de Souza Prata, não foi esquecido, pois é inegável sua relevância nesse movimento de resistência de atores negros dentro da comédia, através de suas produções audiovisuais, sendo um dos poucos negros comediantes da teledramaturgia que esteve em posição de destaque.

No entanto, justifico a ausência desse brilhante comediante no trabalho, devido ao foco em atores negros contemporâneos, por isso a escolha de ambos Cacau Protásio e Paulo Vieira, em que ademais, tenho um carinho e uma admiração pessoal muito grande por esses artistas, pois os acompanho desde muito tempo, sendo uma inspiração profissional para mim.

Por fim, depois da seleção de alguns episódios o presente trabalho ficou dividido em introdução, desenvolvimento, com análise dos episódios decididos, um capítulo comparado as duas obras e a conclusão.

2.0 Paulo Vieira

Este capítulo irá abordar alguns episódios de Paulo Vieira, no qual tem uma evidência maior, em que a temática negra e o humor sobre a periferia são mais evidentes.

Quem é Paulo Vieira? Ator, roteirista, compositor, apresentador, comediante, músico e comediante, nascido em 10 de novembro de 1992 em Trindade, em Tocantins. mas que logo quando criança se mudou para Palmas, capital do estado, no qual ganhou maior destaque quando ganhou o Prêmio Multishow de Humor em 2014 , logo depois o Quem chega lá, do programa de televisão, *Domingão do Faustão* em 2015.

Paulo sempre estudou muito, de acordo com ele mesmo, realizou diversos cursos, no SESI, SEBRAE E SENAC, dentro da sua área artística, buscando se especializar sempre dentro da sua carreira profissional.

A primeira vez que estreou no teatro profissionalmente foi com 12 anos em Palmas, a peça chamava, *como educar os pais* de um grupo de Brasília, em que ele diz que é a partir disso que ele convenceu as pessoas a fazer sucesso. Começou a se articular na comédia estreando como mestre de cerimônias no grupo *de Stand-up, Comédia em pé*, no qual era o primeiro grupo de comédia de *Stand-up* do Brasil, estreando em 2005.

O comediante desde então ganhou destaque na comédia não só no teatro, mas principalmente na televisão, em que 2016 a 2018 participou do programa do Fábio Porchat, foi convidado para fazer *Zorra Total*, na escolinha do professor Raimundo, em que interpretou Seu Fininho e em 2019, estreou em um quadro chamado, isso é muito minha vida.

Atualmente Paulo Vieira lançou uma série baseada nas histórias e aventuras de seu pai, e o amigo dele, chamado Pablo e Luisão, na plataforma de streaming da Globo Play e entrevista pessoas do Brasil inteiro, com seu programa *Avisa lá que eu vou*, da GNT, em que da voz a histórias que o espectador normalmente não iria conhecer. E dentro do teatro o artista ainda continua com seu *Stand Up*, pelo Brasil.

Quando Paulo ganhou o prêmio Multishow de humor recebeu uma quantia e através disso produziu e atuou em sua série que será analisada aqui, *Emergente como a gente*, em que como o próprio título menciona a temática humorística da série é mostrar,

evidenciar situações, em que pessoas pobres/periféricas passam em seu cotidiano, gerando riso, crítica e identificação.

Importante ressaltar que o ator não só está presente, mas também atua em diversas facetas de sua série, em que ele mesmo é a mãe, o pai, a filha e o filho, e o narrador onisciente.

2.1 Episódio trouxe.

A minissérie do ator comediante Paulo Vieira traz um episódio chamado “Trouxa”. O vídeo começa com um grupo de amigas, sendo a personagem principal, a mãe e suas duas colegas, no qual estão em uma festa típica de pessoas baixa renda, com os famosos salgadinhos e bexigas colocadas na parede, parecendo que foi colocada às pressas.

Figura 1- As duas amigas da mãe na festa, personagem do Paulo Vieira.

Respectivamente as atrizes Arianna Nutt , Ana Freita e Paulo Vieira



fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=wRbHBqpQrLw>

Na primeira cena é colocado um suspense sobre o motivo da reunião e da festa, em que essas três figuras femininas estão inseridas junto com outros moradores do bairro. E a razão para a convocação é participar do que chamamos de “esquema de pirâmide”, no qual normalmente uma pessoa passa a responsabilidade de vender algum produto para outras pessoas, recebendo lucro depois.

Com isso Paulo Vieira brinca com essa “mania de pobre” sempre em busca de enriquecer de algum jeito, partindo até para métodos humilhantes. É nesse episódio que essas personagens vão atrás desses métodos, mas ao mesmo tempo criticando falsas

promessas dessa ascensão social rápida, no qual normalmente são facilmente iludidos, representado por uma das amigas que no começo do episódio, brincando através do folclore da cantiga da sereia, cai nos encantos do marketing do esquema de pirâmide.

Contudo esse episódio, através do humor revela dados muito profundos da nossa sociedade brasileira, pois é com a ingenuidade das protagonistas da série, em que não aleatoriamente possuem o sotaque nordestino, são pobres havendo uma mãe que costura a linha narrativa ao longo de toda história que está no corpo negro do ator, trazendo uma crítica sobre quem são essas pessoas que sempre são enganadas, e/ou exploradas. Visto que quem cai em golpe da pirâmide não é ingênuo por natureza, mas sim excluído por estrutura.

O comediante, através da sua própria representatividade, nos diz que essas pessoas, periféricas e da população negra que historicamente fora segregada do acesso a diversos direitos, colocado nesse episódio em mais evidência, a educação e o acesso ao mercado formal. Já que possuímos uma configuração social, em que há uma repressão dos direitos sociais e da classe trabalhadora no geral e como o sociólogo Silvio Almeida coloca em seu livro, racismo estrutural, a minoria social não é considerada pelo mercado capitalista.

Há que se lembrar que na lógica liberal o “mercado” é a sociedade civil. Como não serão integrados ao mercado, seja como consumidores ou como trabalhadores, jovens negros, pobres, moradores de periferia e minorias sexuais serão vitimados por fome, epidemias ou pela eliminação física promovida direta ou indiretamente pelo Estado – um exemplo disso é o corte nos direitos sociais. (Almeida, 2019, p.107).

Isso se torna mais evidente conforme o episódio vai desenrolando a partir da metade para o final, em que há muitas pessoas que oferecem dinheiro em troca de prováveis armadilhas e essa busca pela ascensão social devido a uma vontade de mobilidade dentro da estrutura social, em virtude dessa exclusão social e econômica a qual afeta diretamente a população negra e periférica.

Com isso Paulo mostra novamente por meio do humor a crítica que possui o discurso de um falso progresso e sucesso hegemônico social.

2.2 Episódio Chuva.

Nesse episódio o comediante Paulo Vieira começa o episódio falando sobre a grande manifestação do tempo chamada chuva, mas não simplesmente analisando o fenômeno natural, mas sim como isso afeta diferentemente o cotidiano de uma pessoa pobre e de uma pessoa rica e os compara.

Logo depois da apresentação do tema do episódio, o qual ele sempre introduz em cada um, há um depoimento de uma mulher que pelo seu figurino configura como rica, devido a peruca loira com colares bonitos e uma vestimenta mais sofisticada.

Figura 2- mulher rica mencionada no texto



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Ied2yAopzc>

Contrastando com o depoimento seguinte do pobre, um homem aparentemente simples com um cenário de uma casa em construção, no qual os dois dizem sua opinião sobre ela, a chuva.

Figura 3- homem pobre e sua residencia lidando com a chuva



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Ied2yAaopzc>

Dentro de pouco tempo é possível perceber o contraste social apenas com o elemento natural, chuva. Pois o vídeo mostra como cada classe social enfrenta a chuva no cotidiano, através do humor, em que a pessoa desfavorecida financeiramente possui mais vulnerabilidade social ao contrário da outra, exposto a diversas situações, em que vemos falta de estrutura.

Gostaria de ressaltar que o humorista vai além de denúncias estruturais como um todo, ele também nos mostra sua própria vivência perante o tema, em que evoca sua vida racializada, permitindo discutir como o corpo negro, em específico, é representado sob tensões de vulnerabilidade social. O que é possível verificar através do homem pobre, em que seus movimentos e falas se baseiam na escassez, em que por meio do seu desespero maneja para lidar com as goteiras e o público percebe uma conformidade, de quem está “acostumado” a ser negligenciado.

No entanto, de acordo com a afirmação de Silvio Almeida, em *Racismo Estrutural*, ele irá dizer que isso se chama Necropolítica, em que há negligência e abandono do cuidado estatal para com os povos não brancos para os direitos básicos, em que os cortes de investimentos públicos nesses serviços básicos afetam diretamente e desproporcionalmente a população negra e pobre.

As relações entre política e terror não são recentes, mas é na colônia e sob o regime do apartheid que, segundo Mbembe, instaura-se uma formação peculiar de terror que dá origem ao que o sociólogo chama de necropolítica. Para ele, “a característica mais original dessa formação de terror é a concatenação do biopoder, o estado de exceção e o estado de sítio”, em que a raça, mais uma vez, é crucial. (Almeida, 2019, p.72)

Sendo assim temos no vídeo Chuva, de *Emergente como a gente*, uma denúncia, por meio do humor e do seu corpo negro, a negligência estrutural do nosso país. Por meio das goteiras, dos baldes, da casa sendo inundada em um estado cômico, pode-se refletir como as periferias brasileiras estão em completa vulnerabilidade, colocando aqui a Necropolítica, em que a partir do abandono do Estado para com essa população, em que o Estado decide quem vive, e quando o comediante decide expor essas situações de humor, ele não está rindo da negligência, mas sim visibilizando uma realidade normalizada, refletindo sobre a injustiça estrutural por detrás dessas situações.

Como explica Mbembe, a raça continua sendo critério fundamental para a definição de quem é protegido e quem é descartado pelo poder. E, como afirma Silvio Almeida (2019), o racismo estrutural opera exatamente assim: produzindo a escassez e naturalizando o sofrimento de corpos negros como uma fatalidade e não como fruto de uma escolha política.

Episódio Escola

O episódio Escola, como o nome explica, irá falar sobre a realidade escolar na periferia e o cotidiano nela de uma criança pobre. Nesse episódio Paulo menciona especificamente a escola pública, a qual sofre sucateamento, como ele mostra na série, com paredes mal pintadas, carteiras improvisadas e poucos recursos didáticos, esses elementos demonstram essa falta de investimento na educação em zonas populares.

Nesse episódio o humorista se coloca como observador e participante, em que diferente dos outros, ele se coloca em uma situação um pouco mais “autobiográfica” relatando sua vivência pessoal dentro da escola. Digo isso, pois é uma característica muito importante para a narrativa, pois organicamente, igualmente em toda a teledramaturgia, ele traz sua vivência, com suas expressões e o corpo desse aluno periférico.

Isso faz com que além de nos entreter, nos faz ter empatia quando ele revela as feridas da desigualdade, por meio da sua linguagem ironizada.

O vídeo reflete como é essa criança negra, em uma escola pública, através da infantilização do Paulo Vieira na atuação. O vídeo revela como que por meio dessas opressões, sendo negro e pobre, afeta uma criança, nos dias de hoje. Com isso pode se perceber como a instituição escolar pode, principalmente para essas crianças específicas, ser um espaço de reprodução de opressão e práticas de exclusão. Tal aspecto é revelado,

no momento em que Wellington (o personagem) está no espaço de recreio da escola, junto com dois amigos, e após isso passa uma menina branca, bem arrumada, e podemos identificar que ela possui uma condição financeira muito melhor que esses personagens. Logo depois que os encontra fica mostrando para eles em tom de superioridade que possui dinheiro (10 reais) para comprar o lanche da escola, como mostra a imagem abaixo.

Figura 4

Paulo Vieira, Arianna Nut e figurantes.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1Sc3ReFsIJI>

Além disso, o personagem Wellington sempre é tratado com desdém pela escola, pois é retratado como uma escória que não contribui, pois é visto como “burro” na escola, em que possui defasagens escolares. No entanto Paulo traz mediante a ironia e a comicidade, por meio do exagero da precarização e desse desprezo, no caso desse episódio, satirizando a realidade, evocando suas memórias e gerando pertencimento no telespectador, em que representa a realidade da negritude periférica nas escolas, transformando em uma narrativa coletiva, longe do EU, e perto nós.

O movimento Negro se radica na tradição comum, ele busca da tradição os elementos que permitam perceber a si próprio. Simultaneamente, ele é a afirmação de uma negatividade histórica, de um papel desempenhado na história. Ele é a busca de um outro si mesmo, para além da alteridade desse outro presente, que não é de si. (GOMES, 2011, p. 135).

2.3 Episódio Motel

Um episódio interessante dessa série que escancara a desigualdade da nossa sociedade, surpreendentemente é o episódio chamado Motel.

O vídeo começa com a protagonista, a mãe, consolando uma de suas amigas que foi traída pelo namorado, e perdeu dinheiro, pois comprou *vouchers* para ir ao motel, com ele. Com isso, a protagonista representada por Paulo, a mãe, vê uma oportunidade de usar esses ingressos com ela e seu marido, logo depois ao longo vemos diversas sátiras, sobre a dificuldade que pessoas periféricas possuem para acessar esses espaços que representam luxo e prazer.

Visto isso a cena de mais ou menos 7 minutos irá retratar o íntimo, por meio de uma visão sexual e romântica, trazendo críticas de como uma pessoa periférica consegue usufruir também desse “prazer”, no entanto com muitos empecilhos, sendo eles para além de econômicos, mas também simbólicos.

Esse episódio é muito importante, pois é um dos únicos em que esse tema é abordado, isso é significativo, porque a série retrata a vida de pessoas emergentes, devido a isso a sociedade está condicionada a ter a visão apenas da falta econômica, no entanto é possível perceber através dele que a violência não é só econômica, dessa forma o comediante tira o telespectador desse lugar comum do pobre, negro, periférico, em situações apenas de dificuldade financeira.

O casal passa por diversas situações de constrangimento e humilhação para conseguir um simples momento de romantismo entre o casal e nessa hora que o Paulo nos fornece um momento de empatia e humanização através desses personagens, pois é por meio da comédia que ele, além de normalizar esses momentos banais de romantismo, nos mostra a partir do espaço simbólico do motel como a desigualdade social articula, na qual para o pobre isso irá ser retratado como vergonha e constrangimento, através de pequenas humilhações silenciosas, tirando seu direito básico do conforto e da dignidade afetiva.

3.0 Cacau Protásio

Anna Cláudia Monteiro, mais conhecida como Cacau Protásio, atriz, comediante e nascida, no campo dos Goytacazes no Rio de Janeiro se formou em arte cênicas na CAL, casa de artes de Laranjeiras, estreando no teatro em 2000 depois de ter desistido do curso de pedagogia quando finalmente em 2009 estreou no cinema com *Os Restos de Antonio*, e fez algumas participações em algumas grandes produções como *Clone* (2002), *A Grande Família* (2003), *Os Aspones* (2005), *Páginas da Vida e Linha Direta* (2006), *A Diarista* (2007) e *Malhação* (2009).

Logo depois um marco em sua carreira foi a participação de Avenida Brasil, que atuou como a empregada Zezé em 2012 atingindo uma grande popularidade.

.é conhecida por fazer história nos programas televisivos *Zorra Total*, *Vai que Cola* e *Sai de Baixo*. Visto isso um desses programas será analisado nesse trabalho de conclusão de curso, o programa *Vai que cola*, sendo um programa de comédia, com “participação da plateia” e cheio de improvisos, que compõem divertidamente o roteiro de cada episódio, com 12 anos de presença na televisão.

Atualmente Cacau irá estreia um filme na Globo chamado *Quando Casa Maria Helena* e está apresentando seu show no teatro, chamado *cem por cento Cacau*, em que nele conta sobre sua vida inspirada em sua família, e como foi sua infância de uma maneira bem descontraída.

3.1 Se Gritar pega ladrão, primeiro episódio.

O programa de humor inicia com o primeiro episódio, chamado: *Se Gritar pega ladrão*, em que apresenta todos os personagens. A série se passa em uma pensão em um bairro periférico do Rio de Janeiro, o Meyer. É nesse episódio, que é apresentado todos os personagens formados, sendo: a dona da pensão, dona Jô, o eletricitista Wilson, Jéssica, filha da dona da pensão, Ferdinando, o funcionário da pensão, Valdo Pinto, novo morador, que roubou seus clientes e está sendo procurado pela polícia e usa dessa pensão para se esconder e, por fim, Terezinha, interpretada pela Cacau Protásio, que é viúva de um bicheiro em que ela acaba se tornando jogadora do bicho e moradora da pensão.

A Terezinha é uma personagem expansiva, com personalidade forte e com grandes opiniões dentro da pensão, com movimentações bem marcadas, subvertendo o clássico da mulher negra submissa. Isso também é ressaltado em seus figurinos conforme a temporada, seguindo um padrão, sendo ele sempre um vestido colorido bem colado,

valorizando o corpo, com sandália alta e brincos grandes, e um cabelo solto, na maioria das vezes.

O primeiro episódio começa apresentando os personagens, primeiro Valdo Pinto e Dona Jô, dona da pensão, e logo depois vêm os outros personagens da pensão. É importante colocar nessa análise que podemos relacionar a pensão, mais do que um espaço físico, mas também como um organismo determinante do estilo de vida dos personagens, pois é uma construção suburbana, localizada na periferia do Rio de Janeiro, em que a partir disso que vai ser construída a relação dos personagens e a narrativa.

Figura 5- Terezinha



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7372803/?s=0s>

É nesse primeiro episódio que o telespectador conhece de primeira vista a personagem Terezinha. Em que ela, diferentemente de alguns personagens da série, demonstra essa espacialidade expansiva, o seu carisma e suas movimentações marcantes, fazendo com que sua voz seja notável dentro do núcleo dos personagens e das ações do enredo de cada episódio.

Logo no começo do primeiro episódio é possível sentir a personalidade e a presença de Terezinha, através de uma entrada triunfal, cantando, alegre e muito comunicativa, expansiva. A partir da sua entrada há uma interação com o personagem Ferdinando. Destaco essa interação, pois ele é um homem muito amargurado, que consequentemente desconta na Terezinha, porém como a autoestima é um fator dominante na personagem, ela não se coloca para baixo.

Com isso, Ferdinando reproduz um racismo estrutural, no momento que ele diz para ela passar um rodo na pensão onde os personagens moram, contudo Terezinha rebate

dizendo que ele é o zelador e se nega a fazer a ação. Através desse primeiro diálogo dos dois temos de uma forma humorística e inteligente, por meio de uma pequena fala, uma ruptura de uma reprodução racista comumente utilizada na sociedade, em que foi retratado nesse episódio.

Portanto seu humor é construído pelo exagero, tanto da fala, das expressões e no uso de expressões populares, incorporando a cultura popular e a identidade negra em seu corpo. Dessa forma como bell hooks menciona (1992), o corpo negro feminino, quando ocupa espaço de fala e visibilidade, rompe com a lógica do “olhar colonizador” que tende a reduzir a mulher negra a objeto de exotização. Em que sua presença cômica na série e sua construção do personagem subverte ao estereótipo.

3.2 Terezinha Orleans e Bragança- Episódio 16, temporada 3.

Esse episódio é centrado na personagem Terezinha. O enredo vai se dar sobre um evento chamado *sambão*, em que a personagem é dona do evento popular.

O clímax e a preocupação de todos os personagens se dão no começo com o desaparecimento dela. Logo depois sua amiga, Gringa, diz que ela encontrou uma herança de sua família e descobre que é da família real.

Gostaria de ressaltar seu figurino, no minuto 15:00 é possível percebê-lo, com vestido vermelho longo, com uma peruca loira, no qual remete a uma figura da realeza, a partir disso a personagem passa a ter uma outra postura e linguagem, saindo do coloquial e indo para o extremo formal, como uma pessoa nobre da época.

Figura 6- Terezinha vestida como membro da realeza



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7372962/?s=0s>

O episódio traz uma colocação muito intrigante ao ter essa mudança de identidade especificamente para a Terezinha, devido a dois fatores. Um deles é pelo símbolo da realeza, pois o que seu corpo representa historicamente é totalmente ao contrário de um símbolo nobre e de exaltação, mas sim de exclusão social. Por isso quando a narrativa coloca ela nessa posição de realeza, por 40 minutos, a imagem da mulher negra periférica é reconstruída para um modelo louvável e de adoração criticando essa posição que os corpos negros são sempre colocados. No entanto o telespectador se choca quando de primeira vista vê essa mudança de identidade da personagem, pois não esperam esse conjunto de signos que remetem a aristocracia brasileira para uma mulher negra e periférica. Como diz bell hooks (2019), a cultura dominante determina não apenas como os negros são vistos, mas como eles se veem, moldando assim os contornos de nossa imaginação, ou seja, o estranhamento do telespectador, que consequentemente gera o humor, é uma forma de demonstrar como o racismo estrutural não só opera no âmbito da sociedade, mas no imaginário social.

Adicionado a isso, o tratamento de todos os personagens da pensão em relação a ela muda drasticamente, em que pela primeira vez Terezinha é servida por todos da pensão, na qual todos, devido a sua nova posição social começam a tratá-la diferente, colocando-a em um pedestal, em que ela mesma se coloca também, ficando evidente no minuto 32:50 quando ela se posiciona e se reconhece: “Eu sou Tereza de Orleans e Bragança”.

Ao final desse desvio de personalidade ela retorna ao seu eu “normal”, alegre, vibrante, expansiva, pois descobre que foi um engano e com isso ela não era da realeza nobre, mas sim realeza da cultura popular, do carnaval. Portanto o episódio termina brilhantemente, na minha opinião, com um samba enredo bonito, sendo um dos símbolos da cultura afro.

3.3 A morte de Terezinha- Episódio 4, Temporada 5:

Nesse episódio a personagem é tratada de uma maneira mais simbólica, apesar de ela aparecer algumas vezes, o centro da história é como ela é retratada no imaginário dos moradores da pensão, e como eles se recordam dela.

Pois temos o surgimento de um personagem chamado Trinca Ferro, que aparentemente tinha rixas com o marido de Terezinha, e nisso ele retorna querendo prestar contas com Terezinha, consequentemente dois personagens, Dona Jô, dona da pensão e Ferdinando, Zelador, como solução dizem para o Trinca Ferro que ela morreu e a missão

dos dois é esconde-la até ele ir embora, no entanto ele insiste em aparecer no velório, e a partir disso eles precisam mentir para todos que ela está morta e criar esse velório falso.

Nesse capítulo ela precisa estar desaparecida, desse modo temos uma metonímia ao longo do episódio, em que é através de algumas referências da teledramaturgia, que o público remete à figura da Terezinha. O desaparecimento poderia estar em uma linha tênue em apagar a personagem Terezinha e ela ser esquecida ao longo do episódio, em que esse apagamento poderia reforçar um silenciamento da personagem negra, porém pelo contrário, a ausência reforça sua importância perante a pensão e o grupo de personagens, mostrando sua relevância, em que mostra também como se dão as relações de afeto, colocando-a como dito anteriormente como amada e essencial no eixo da comunidade.

Destaco que nesse episódio o TrincaFerro também é um personagem negro, ele representa a tensão de todo o episódio, símbolo de autoridade, em que no começo ele é intimidador, agressivo e temido, porém ao final descobrimos que apesar de ele ter uma postura mais firme, estereótipo de dono do morro, a sua revelação que ele está apaixonado pela Terezinha desmonta essa tipificação de bandido mal.

Figura 7- Trinca Ferro



3.4 Episódio 10, temporada 6 – Terezinha só tem uma.

Nesse episódio o elenco está no Estado de São Paulo, cidade de Praia Grande para apreciar férias coletivas. Nessa temporada Terezinha está grávida, e uma nova personagem entra em cena, sua prima, interpretada pela cantora IZA.

As duas vestem o mesmo figurino, para que de maneira simbólica o telespectador entender que as duas são uma unidade, apesar de Terezinha ao longo da teledramaturgia se recusar a ser associada a ela, gerando o humor por meio dessa rivalidade infundada.

Figura 8- Terezinha ao lado de sua prima



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/8236439/?s=0s>

Ela surge para visitar Terezinha, porém há um conflito entre ambas, em que Terezinha acredita que ela vem para disputar território, criando uma rivalidade entre elas.

A identidade cultural não é algo que já existe, pronto e acabado, para ser descoberto ou desvelado. Ela é construída continuamente nas práticas sociais, nas interações cotidianas, nas negociações culturais. Não é uma essência fixa, mas um processo dinâmico e relacional. (HALL, 2003, p. 51).

A partir dessa citação cabe destacar que a rivalidade além de gerar o humor para telespectador ela denuncia um padrão cultural da sociedade, em que as mulheres, devido ao machismo e a uma cultura patriarcal, as mulheres são ensinadas a não apoiar umas as outras, sendo uma estratégia desse sistema patriarcal, para elas priorizarem o centro dessa estrutura hierárquica masculina, o homem. “Mulheres negras enfrentam não apenas o sexismo, mas também o racismo que limita suas possibilidades de representação e as coloca em posições de confronto em vez de cooperação. (hooks, 2019, p. 80).

Ou seja, quando Terezinha avista sua prima entrando em cena, em que conseqüentemente seria uma mulher, negra, ela não a vê com afeto, por ser parte da sua família, mas como sua adversária, tal qual alguém que irá tirar seu “posto” dentro de suas relações sociais construídas na narrativa do *Vai que Cola*, principalmente em sua fala, na qual ela comenta que sua prima veio para acabar com a vida dela.

A escolha da cantora Iza para ser a prima de Terezinha também não é uma escolha aleatória. Essa temporada foi feita em 2018 e a cantora no mesmo ano estava em seu auge de sucesso, então quando ela fez a participação no episódio, ela era um símbolo de sucesso no Brasil, com isso ela carrega uma imagem de grande visibilidade na mídia, se assemelhando à personagem Terezinha, em que reforça ainda mais essa disputa das duas mulheres negras por espaço, em que a partir disso traz tensões de reconhecimento e identidade.

Contudo, ao final, o episódio, traz uma resolução do conflito da narrativa e um final moral e crítico, pois depois de um certo tempo de episódio essa luta e rivalidade entre as duas vai ficando infundada e frágil, em que Terezinha vai cedendo aos poucos para reciprocidade da prima, em que chega em um momento que as duas se entendem e percebem que há espaço para todo mundo e que esses espaços são múltiplos, sem perder a autenticidade da Terezinha, fazendo com que ela reconheça que ela ainda é única, mesmo existindo corpos semelhantes ao seu.

4.0 Vai que Cola x Emergente como a gente

A partir dessas análises teledramatúrgicas é possível perceber um movimento contra hegemônico dos atores e das produções audiovisuais citadas anteriormente. Gramsci vai dizer que a hegemonia é uma forma de poder, em que não necessariamente a dominação é apenas no âmbito político ou econômico, mas também no âmbito socio-cultural e ideológico, sendo, na minha opinião uma das formas mais eficientes de dominação e controle de massas, pois é no campo da cultura e da ideologia que socialmente, construímos as normas morais e as regras de conduta assim como a destruição e a superação de outras crenças e sentimentos diante da vida e do mundo (Moraes, 2002, p.65).

Visto isso historicamente temos um histórico da natureza desse poder vir de uma classe tradicionalmente burguesa, branca e elitizada, em que de acordo com Gramsci é a partir da articulação desses eixos feitos por essa classe que é possível manter o poder, sendo ele principalmente ideológico.

Com isso, gostaria de mencionar uma consequência dessa dominação ideológica, em que consequentemente acaba se tornando uma alienação do sujeito, sendo de extrema preocupação, uma vez que temos um sujeito fora desse padrão de classe dominante, ele acaba se tornando passivo desse controle ideológico, “um objeto”, pois sua posição difere da classe dirigente, dessa forma a falta de representação para esse indivíduo o impede de se tornar pertencente e o mais preocupante, sua capacidade de refletir sobre as condições de sua própria vida se torna totalmente desvirtuada.

Essa abordagem tem implicações radicais para a teoria da representação porque sugere que os próprios discursos constroem as posições de sujeitos de onde eles se tornam inteligíveis e produzem efeitos. Os indivíduos podem se

distinguir por suas características de classes sociais, gêneros, “raças” e etnias (dentre outros fatores), mas não serão capazes de captar o sentido até que tenham se identificado com aquelas posições que o discurso constrói, sujeitando-se a suas regras, e então se tornando sujeitos de seu poder/conhecimento. (HALL, 2016, p.100)

Através disso concluo que na minha visão, os comediantes Paulo Vieira e Cacau Protásio trazem a identidade da classe não dominante perceptível aos olhos da sociedade.

Tal constatação se deve a dois fatores. O primeiro deles é a invisibilidade que a classe hegemônica sempre deu ao grupo social retratado em ambas as obras, a periferia e a negritude, em que tanto na esfera social, como na mídia quase não são retratados, mas que em suas obras, *Emergente como a gente* e *Vai que Cola* o protagonismo se torna evidente. Com isso temos o segundo fator, que consequentemente o indivíduo, mencionado no conceito acima, é afetado por essa representação, sai do lugar de objeto e vem a ser um sujeito crítico e pertencente à sua realidade social.

É oportuno acrescentar uma discussão e uma problematização acerca da representatividade e da representação, se há diferença entre ambas e como cada uma afeta, pois normalmente acaba havendo uma confusão entre essas duas palavras, por serem parecidas, mas que possuem significados diferentes.

A representação é feita de uma forma simbólica, focada na palavra COMO, ou seja simbólica, de que maneira aquela narrativa está construindo aquele símbolo/imagem pertencente a um determinado grupo, identidade ou ideia, em diferentes contextos, podendo ser nos livros, na política, na arte, na mídia... Um exemplo relevante é o personagem interpretado por Paulo Vieira na série *Emergente como a gente*, que representa uma mãe periférica oriunda do interior, expondo as desigualdades sociais.

No entanto a palavra representatividade é um estado mais quantitativo, no qual a presença é primordial, ligado a proporção, atribuindo a quem, quantos e em que posição as pessoas estão contribuindo para a relevância de um grupo em um espaço social, cultural ou institucional, ou seja, é a junção do quantitativo e do qualitativo conceituado na palavra representatividade, dando a importância da presença nesses espaços.

Em vista disso, coloco essas palavras em cheque, pois é possível perceber a diferença quando uma obra está habituada apenas ao conceito de representação e não na representatividade, principalmente quando a pauta é sobre a negritude na teledramaturgia e na comédia, pois o modo que é historicamente representado o “ser negro” é advindo de uma visão eurocêntrica, baseada na escravização e toda sua história que carrega com ela.

Essas representações deram origem a alguns dos estereótipos mais marcantes de pessoas negras na cultura popular- norte-americana e europeia, ainda de

acordo com o autor. A partir do professor Sílvia de Almeida (2019) e da tese de Sueli Carneiro (2005), com exceção da migração, o mesmo se aplica à sociedade brasileira. (Souza, 2021 p.44)

Com isso surgiu alguns tipos de estereótipos. Separarei pelo gênero, pois isso afeta diretamente como a representação é feita na comédia audiovisual.

No caso dos estereótipos negros masculinos, atribuiu-se o homem negro como o homem forte, sexualizado, subordinado, de suma maioria, com papéis de ladrões, malandros, rebeldes, serviçais.

Contudo, Paulo Vieira subverte esses estigmas, com sua genialidade. Paulo, especialmente em sua série analisada, *Emergente como a gente*, em que ele usa sua voz no humor de maneira crítica, em que além do intuito de gerar o riso, a principal fonte de sua comédia é a denúncia, estremecendo as estruturas sociais, de classe e de etnia, denunciando desigualdade nesses três âmbitos.

O comediante de uma maneira sensível muda o ponto de referência, em que geralmente o público ri com a branquitude e tudo que ela propõe, porém Paulo subverte isso e através dessa subversão é possível perceber essas disfunções sociais na cultura brasileira, em que é naturalizada, em que conseqüentemente o espectador se coloque nesse lugar e além de ter o riso e a empatia, começa gerar uma reflexão dos desvelamentos das contradições sociais.

Visto isso ele consegue dialogar com a representatividade e a representação, pois ao mesmo tempo que ele cria personagens e situações estereotipadas, em que com isso carrega uma carga representativa de um grupo periférico, ele traz junto a representatividade, tirando esse lugar do riso pela caricatura, em que conseqüentemente os estereótipos vem para nos induzir a crítica e reflexão, em que junto com o riso é revelado as injustiças e absurdos sociais de uma forma crítica, em que havendo personagens de destaque negros, principalmente sendo o próprio ator, acaba fortalecendo esse protagonismo negro.

Paulo Vieira confirma que realizar humor de outros pontos de vista não óbvios, como o de subúrbio, por exemplo, é possível, e principalmente, sem cair em tipificações grotescas, na qual resume a esses padrões, muitas vezes ruins, pelo contrário ele utiliza da identificação da maioria dos brasileiros de classe média baixa, que comumente são marcados por não serem representados pela classe hegemônica, incluindo essa população marginalizada.

. Um ponto importante a acrescentar sobre a representatividade é sobre o lugar de fala, os comediantes além de participarem desse grupo minoritário, eles viveram suas obras. Como em *Emergente como a gente*, por exemplo, em que a maioria do que está exibido ali, são histórias pessoais e de seus familiares criando uma veracidade e um ponto de vista não dominante sobre a obra, fazendo com que a experiência se torne outra para o espectador.

Ele utiliza de vários elementos para representar a classe periférica, como os figurinos, os cenários e o principal, as problemáticas de cada episódio, em que para escancarar esses problemas estruturais ele amplia de forma caricata, expondo a hipocrisia social, mas de uma maneira leve e velada, nos fazendo rir, mas gerando um incômodo, pois é escancarado na cara da sociedade, no qual a classe rica e privilegiada saia um pouco desse lugar de conforto.

É do cotidiano que Paulo Vieira traz suas críticas, é nas situações cotidianas precarizadas da rotina das personagens e com a falta de recurso, que são mostradas como algo natural, acabam sendo um ponto de partida para o riso, tirando o espectador desse lugar da norma, como quando por exemplo, citado em uma das análises, em que o homem pobre, com sua residência precária começa a colocar baldes pela sua casa devido as goteiras causadas pela falta de recurso, devido o telhado estar em péssimas condições, mas que em seu depoimento ele diz ao espectador como se fosse mais um dia normal, mas que no entanto é possível perceber o reflexo da desigualdade social.

Agora sob a perspectiva da personagem vivida por Cacau Protásio, além de termos o conceito de representatividade semelhante ao que fora colocado para o comediante Paulo Vieira através de sua série, há outras camadas de análises diferentes de Paulo para ser analisada no conjunto da obra *Vai que cola*. Pois temos um fator determinante que influencia diretamente em como a representatividade negra irá ser colocada, que é o fator de gênero.

Cacau Protásio é uma comediante mulher negra. Então qual seria a diferença entre ambos?

Uma questão primordial, importante de ser colocada é que os estereótipos, apesar da etnia ser a mesma, são diferentes, enquanto o homem negro, possui a tipificação, de malandro, ladrão, agressivo... A mulher negra possui os estereótipos na sociedade refletindo na comunicação audiovisual, como de empregada doméstica (servir), mulher barulhenta e briguenta e principalmente hiper sexualizada, marcada pelo “padrão de

beleza brasileiro” marcado pela sensualidade do corpo dessas mulheres, sem aprofundamento subjetivo e identitário de uma personagem negra.

Marcadas pelo corpo negro, ou seja, palavras e imagens carregam conotações não totalmente controladas por ninguém, e esses significados marginais ou submersos vêm à tona e permitem que diferentes significados sejam construídos, coisas diversas sejam mostradas e ditas. (Hall, 2016, p.211).

Portanto essas tipificações constroem o imaginário social do que é ser uma mulher negra no Brasil, em que esse discurso resume que o lugar dela está apenas na posição de servir ou para agradar sexualmente, em que bell hooks em 2019 menciona que nos dias de hoje traz uma mutilação ao corpo das mulheres negras e que, na contemporaneidade, ao se celebrar apenas essa parte não está subvertendo ou criando novas representações.

No entanto Cacau Protásio e sua personagem no *Vai que cola* inverte esses estereótipos ressignificando a alteridade estereotípica.

O espectador, pode trazer o questionamento se a personagem Terezinha, não seria um reforço de estereótipo, contudo coloco para o meu leitor que apesar das características da personagem se enquadrarem em concepções pré-concebidas do que a personagem representa, como por exemplo sua personalidade, no qual se mostra uma mulher expansiva, em que fala alto, com gestos grandes, popularmente denominada de barraqueira, porém a sua personalidade não é um reforço de um estereótipo, mas sim um reflexo social da mulher negra.

‘Esse estigma veio de uma sociedade e uma herança escravocrata, em que espera que mulheres negras sejam subservientes e caladas e se acrescentarmos o recorte da mulher negra periférica, em que na sociedade são invisibilizadas e oprimidas, com isso não conseguem ser escutadas e por isso precisam levantar voz, representado pelo “excesso” de corporeidade na personagem Terezinha.

Outro fator importante que é diferente na obra de Paulo Vieira e Cacau Protásio que é identificado a partir do gênero é a autoestima, pois a estética negra e sua identidade, são constantemente atacadas, pois, historicamente como mencionado nesse presente trabalho, a construção da beleza negra se deu no seio de embates sociais.

[...] construída historicamente em uma sociedade que padece de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial. Como qualquer processo identitário, ela se constrói no contato com o outro, no constante com o outro, na negociação, na troca, no conflito e do diálogo. (Nilma Gomes 2008, p. 9).

Dessa forma na série é possível perceber que ela subverte a visão ruim construída pela sociedade, em que consequentemente ao invés de esconder seu corpo, a personagem com o humor e sua estética se reafirma e faz questão de aparecer, por meio de suas roupas, sendo elas sempre brilhantes, com cores chamativas e justas, valorizando o corpo da personagem.

Além do figurino, uma forma de Terezinha se reafirmar é em seus discursos, pois constantemente ela demonstra orgulho, tanto de sua família, como analisado no episódio Terezinha só tem uma, tanto na sua origem, em que se vangloria pela sua localidade, onde mora, e pela sua cultura (popular), em que ela cita o morro, sendo um símbolo de exaltação, pois não só ela como todos os personagens da pensão, e quando precisam comemorar, ou terminar o episódio de uma maneira alegre, divertida e leve o morro é o lugar que eles citam para comemorar e expressar esses sentimentos.

Posto isso o humor nessa teledramaturgia e sua construção trazem uma forma de resistência, em que se coloca em cena símbolos que na maioria das vezes estiveram nas coxias, em que exalta a cultura a popular e o que é originalmente da cultura negra.

Contudo a série apesar de ter o protagonismo negro da Cacau Protásio com a personagem, em que ela é demonstrada como vivaz e uma mulher forte, ela também é colocada em situações de fragilidade através da tensão de disputas simbólicas, em que a imagem da mulher negra ainda é atravessada por pressões externas, seja pela aparência, o corpo ou a posição social Como aponta bell hooks (1995), em que a forma como a mulher negra é representada é dada pelas relações de poder, insistindo em reduzi-la a estereótipos, mesmo quando ela ocupa espaços de visibilidade.

Dito isso a série *Vai que cola* além de carregar o mesmo objetivo da série Paulo Vieira, expondo as contradições sociais e humor como forma de denúncia, ela coloca em evidência o sexismo, abrindo espaços para questionar alguns estereótipos aparentes na personagem e na série como um todo, fazendo com que o público reflita. Com situações do cotidiano, compartilha vivências gerando não só o riso, mas também a identificação, denunciando hierarquias raciais e de gênero na sociedade brasileira, com uma estética leve e extremamente popular.

Com isso concluo o capítulo com a própria fala de Cacau Protásio: “As pessoas saem de peça rindo, mas pensando um pouco mais no significado da expressão ‘respeito às diferenças’” (CORREIO BRAZILIENSE, 2016, n.p.).

5.0 Conclusão

Visto isso o presente trabalho buscou compreender, através do humor e da representatividade as contradições sociais e com isso realizar denúncias e críticas da estrutura social brasileira, que historicamente fora marcada por opressões e exclusões dos grupos minoritários aqui colocados, a população negra e periférica, e com base nas análises realizadas de episódios do *Vai que Cola* e *Emergente como a gente*, dos atores e comediantes Paulo Vieira e Cacau Protásio, é perceptível que a presença de sujeitos historicamente marginalizados na comédia é fundamental para a construção de uma narrativa mais plural e democrática.

Dessa forma explorou-se também a diferença das teledramaturgias, no qual Paulo Vieira aborda assuntos de desigualdades de etnia e de classe social, gerando por meio do riso do espectador uma reflexão sobre a realidade periférica brasileira e produzindo identificação e uma crítica sobre privilégios sociais. Já a Cacau Protásio busca a crítica das mesmas pautas, acrescentadas ao dilema de uma mulher negra em um contexto social periférico, inserindo diversos elementos da cultura popular e periférica.

Visto isso, o trabalho contribui de maneira significativa, em que por meio das obras audiovisuais abrangidas, surgem reflexões sociais importantes, as quais muitas vezes passam despercebidas. Além disso mostra o quão importante é o papel desses atores na representatividade negra e como o tipo de humor em seus trabalhos pode contribuir ao invés de reproduzir preconceitos e estigmas sociais, mas sim criticá-los e evidenciá-los para a sociedade como forma de crítica, através da valorização de símbolos que historicamente não foram valorizados, sendo uma soma dessa crítica com o riso um espaço de resistência.

Portanto é importante reconhecer que esse tema é para além da relevância acadêmica e social, mas sim de um interesse próprio pelo qual moveu a pesquisa, pois esses atores me inspiram na minha carreira profissional como futura comediante, e me fazem refletir sobre o meu lugar como atriz e que tipo de comédia eu quero fazer, em que é necessário fortalecer a luta por reconhecimento ampliando e diversificando as representações.

Devido a isso é possível concluir que os objetivos da pesquisa foram devidamente cumpridos, pois a partir das obras de Cacau Protásio e Paulo Vieira o presente trabalho conseguiu investigar as denúncias e preconceitos raciais a partir da identidade do material audiovisual contemporâneo de ambos os comediantes.

Com isso concluo, por fim, que a pesquisa me agregou muito em diversos âmbitos, principalmente como dito anteriormente, uma contribuição profissional me fazendo refletir sobre uma futura produção teatral baseada em temas abordados por esses grandes comediantes contemporâneos da cena brasileira.

6.0 Referências

Almeida, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019

Araújo, Joel Zito. **A negação do Brasil**: o negro na telenovela brasileira. 1 ed. São Paulo: Senac, f. 171, 2000. 342 p

CANAL MEMÓRIA. **Cena de programa humorístico brasileiro**. YouTube, 19 jul. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3wnu8OEYwGY>. Acesso em 08 Dez.2024.

GOMES, N. L. **O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes** doi:10.5007/2175-7984.2011v10n18p133. **Política & Sociedade**, v. 10, n. 18, 27 abr. 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira; organização e revisão técnica por Arthur Ituassu. Rio de Janeiro: PUC-Rio ; Apicuri, 2016.

HIRANO, LUIS. **Uma interpretação do cinema brasileiro através de Grande Otelo**: raça, corpo e gênero em sua performance cinematográfica (1917-1993). Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-14112013-122614/publico/2013_LuisFelipeKojimaHirano_VCorr.pdf. Acesso em: 5 ago. 2025.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade: diretrizes da metodologia científica**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A., 2006.

hooks, bell. **Olhares negros**: Raça e representação. Editora Elefante, v. 3, f. 155, 2019. 310 p

PROGRAMA DO PORCHAT. **EMERGENTE COMO A GENTE | ESCOLA**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1Sc3ReFsIJI>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

PROGRAMA DO PORCHAT. **EMERGENTE COMO A GENTE | CHUVA**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ied2yAaopzc>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

PROGRAMA DO PORCHAT. **EMERGENTE COMO A GENTE | MOTEL.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5Ps158VBWQE>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

PROGRAMA DO PORCHAT. **EMERGENTE COMO A GENTE | TROUXA.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wRbHBqpQrLw>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

Moraes, Dênis. **COMUNICAÇÃO, HEGEMONIA E CONTRA-HEGEMONIA: A CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA DE GRAMSCI.** Porto Alegre, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/win10/Downloads/doiufrgs,+moraes.pdf>. Acesso em: 1 set. 2025.

Nascimento, Abdias. **Teatro Experimental do Negro: Trajetórias e reflexões.** 2004. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/ea/a/B8K74xgQY56px6p5YQQP5Ff/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2025..

Raiz, Fúria. **Rivalidade feminina e sexualidade:** Disponível em: https://qgfeminista.org/rivalidade-feminina-e-sexualidade/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 20 ago. 2025

Raiz, Fúria. **Como o patriarcado usa a cultura para socializar mulheres para se odiarem.** Disponível em: <https://qgfeminista.org/como-o-patriarcado-usa-a-cultura-para-socializar-mulheres-para-se-odiarem/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

Soares, Ana. **Palhaço de Hospital:** proposta metodológica de formação. 2007. <https://cirurgioesdaalegria.org.br/storage/app/uploads/public/5c4/85e/61a/5c485e61aafd9453058741.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2024.

Souza, Olívia. **REPRESENTATIVIDADE IMPORTA?:** Representação, imagens de controle e uma proposta de representatividade a partir das personagens mulheres negras em *Malhação: Viva a diferença*. Belo Horizonte. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/3ea94a8d-78e2-43cc-8f6a-439168710e02/content>. Acesso em: 18 ago. 2021.

TABACARU, S. **Uma visão geral das teorias do humor: aplicação da incongruência e da superioridade ao sarcasmo.** Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, v. 9, n. 1, p. 115–136, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/840>. Acesso em: 5 fev 2025.

T1:E1 - Se Gritar “Pega Ladrão”... - Vai Que Cola online no Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7372803/?s=0s>>. Acesso em: 29 ago. 2024.

T3:E17 - Terezinha De Orleans E Bragança - Vai Que Cola online no Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7372962/?s=0s>>. Acesso em: 18 set. 2024.

T5:E4 - A Morte de Terezinha - Vai Que Cola online no Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7373019/?s=0s>>. Acesso em: 18 ago.2024.

T6:E10 - Terezinha Só Tem Uma! - Vai Que Cola online no Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8236439/?s=0s>>. Acesso em: 7 set. 2025.

.